

O silêncio de Geisel

TERESÓPOLIS — Como em filmes policiais, um Monza cinza rondava ontem a intervalos de 30 minutos, a Escola Reunidas, no Parque Imbui, em Teresópolis. A demorada abordagem da 62ª Seção Eleitoral da cidade serrana fluminense pôde ser compreendida quando o ocupante do carro foi visto de perto. Era o ex-presidente Ernesto Geisel, que ia e vinha com receio de enfrentar fila e repórteres. Lacônico e com clássica justificativa de que o voto é secreto, Geisel não quis comentar nem mesmo as relações entre a abertura política por ele iniciada na década de 70 e as eleições presidenciais de ontem.

Acompanhado da mulher, Lucy, e da filha, Amália Lucy, Geisel chegou ao local de votação perto das 11 horas. Preferiu

nem descer do carro assim que avistou a imprensa. Voltou uma hora depois, quando aceitou ser fotografado. Aos 81 anos, mais gordo, de boné e jaqueta de náilon, o ex-presidente votou na hora do almoço, sem enfrentar fila, precedido da mulher e da filha.

Geisel estava sorridente e só se irritou quando lhe perguntaram se Luiz Inácio Lula da Silva, eleito presidente, tomaria posse sem problemas. Há cinco anos, o ex-presidente, então contrário à realização de eleições diretas, tinha como candidato à sucessão do general João Figueiredo, o vice-presidente da época e atual candidato do PFL, Aureliano Chaves. Sua filha, também não quis revelar o voto. "Esse assunto é segredo mesmo em casa", desviou ela.



Francisco Alves/AE

Geisel: abordagem demorada da seção eleitoral